

VERSUS: A ARTE COMO ARMA 1

Jeferson Candido

I. TEMPOS DE ABERTURA(S)



Os anos de 1974 a 1980 ficaram conhecidos no Brasil como os anos da abertura. É o período em que as liberdades individuais e políticas começam a (re)tomar suas formas a partir da “distensão” do regime ditatorial. Vemos surgir o debate acerca da formação de novos partidos políticos, em especial de esquerda — debate que se reflete no material que venho pesquisando, como veremos adiante —, já que o fim do bipartidarismo se aproximava. Outro fato é o reerguimento, ou surgimento, com força crescente, de vários movimentos não ligados de maneira tão direta aos grupos da esquerda política: movimentos populares, de trabalhadores, ecológicos, negros, feministas, gays, entre outros, que surgem com a constatação de que não havia espaço para suas discussões específicas no interior da esquerda, esquerda esta que começa a mostrar suas diferenças e seus ranços ideológicos, antes postos em segundo plano pela união consensual que visava ao combate à ditadura.

II. UM JORNAL

Dos inúmeros fatos que marcam esse período, um deles diz respeito a esta pesquisa. Falo da chamada imprensa nanica, ou alternativa, já surgida alguns anos antes, mas que atinge aí seu período mais marcante — e também seu fim.

Propondo a cultura como forma de ação política, surgia em São Paulo, em outubro de 1975, o jornal *Versus*. Vendido inicialmente de mão em mão, o jornal chegou a ser distribuído nacionalmente, com tiragens de até 35 mil exemplares. Teve 34 números (mais dois especiais), sendo extinto em outubro de 1979. Sua periodicidade não foi fixa:

1 “O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico”.

iniciou bimestral, passou a mensal e terminou novamente bimestral. Segundo Bernardo Kucinski², operando inicialmente num plano mais cultural e dando um tratamento diferenciado à imagem, *Versus* se diferenciava dos demais periódicos alternativos da época. Seu diretor e criador, Marcos Faerman, juntamente com alguns colaboradores, abandona o jornal no número 23, passando o jornal a ser dirigido por Jorge Pinheiro. *Versus* é o objeto sobre o qual venho desenvolvendo minha pesquisa junto ao projeto “Poéticas Contemporâneas II”. Nessa primeira fase, foram catalogados 25 números do jornal, correspondentes ao período de novembro de 1975 a setembro de 1978, e os dados encontram-se no banco de dados “Periodismo Literário e Cultural”, mantido pelo NELIC.

III. PANORAMA DESSE JORNAL

Numa leitura conjunta dos 25 números catalogados, a mudança temática do jornal é o primeiro dado percebido. No início estampando em suas páginas textos de cunho cultural e artístico ou reportagens de autores como Carlos Fuentes, Gabriel García Márquez, Júlio Cortázar, Augusto Boal, Bóris Schnaiderman, ou de “heróis” da América Latina — José Martí, Simón Bolívar, entre outros — o jornal passa, a partir dos números 14, 15, a dar um espaço cada vez maior à política, no sentido de “política engajada”. No editorial do número 18, Marcos Faerman explicita:

É o que nos perguntam alguns amigos: “*Versus* mudou?” A indagação nasce, certamente, de uma certa leitura de nossos últimos números. A nossa resposta é: *Versus* mudou. [...] inicialmente voltado para a *cultura como forma de ação*, assumiu o discurso político.

O jornal passa a ser a residência do movimento Convergência Socialista, movimento formado por exilados que retornavam ao Brasil e que tinha por intenção formar um partido socialista. Começam a surgir na capa chamadas como “Os planos de Brizola” ou “A luta pelo PS”. Se com-pararmos com as capas de outros números, como “Entrevistamos García Márquez!” ou “Imaginação e violência na América” — esse último o título de um ensaio sobre as relações entre a literatura e a violência dos re-

² KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

gimes ditatoriais de então — podemos observar o distanciamento da arte como uma forma de luta (ou como arma) e passamos diretamente à luta política.

O fato mais importante ocorrido nesse período de mudanças no jornal, creio, foi a já mencionada saída de seu fundador, Marcos Faerman, juntamente com alguns colaboradores. Isso ocorreu no número 23, e, na edição de número 24, Faerman escreve uma carta aos leitores de *Versus*, afirmando que o *Versus* tornara-se um jornal da Convergência Socialista, e que, não sendo mais possível o debate dentro do jornal, melhor seria abandoná-lo. Temos uma resposta da redação do jornal a Faerman logo abaixo de sua carta, relatando, num tom irônico, que Faerman estava saindo por motivos pessoais. Assume a direção do jornal, como já dito, Jorge Pinheiro, membro da Convergência Socialista. Esse fato ocorre no último número catalogado de *Versus* até o momento em que escrevo este artigo.

IV. SOBRE OS DADOS DA BASE

Utilizando o banco de dados, detenho-me agora sobre alguns dados mais pontuais obtidos com a catalogação desses 25 números, produzidos em sua quase totalidade ainda sob a tutela de Faerman. Gostaria de comentar brevemente a presença daqueles que mais colaboraram com o jornal e dos autores mais citados, além de tratar da divisão dos textos quanto a sua tipologia e as principais palavras-chaves.

A responsabilidade de Marcos Faerman sobre o jornal fica evidente ao contabilizarmos o número de suas contribuições: 30. São artigos os mais variados, principalmente apresentação de artistas estrangeiros, ou então entrevistas. Outros colaboradores que se destacam são Mouzar Benedito, que, a partir da edição nº. 11, passa a assinar uma coluna intitulada “Dólar furado”, na qual discorre sobre economia. Luís Rosemberg é o responsável por comentar o cinema, passando, a partir do nº. 11, a ter uma coluna intitulada “O circo cinematográfico”. Eduardo Galeano, que colaborava com o jornal desde o início, entre os nºs. 10 e 17 assina a coluna intitulada “Carta de Barcelona”. Roniwalter Jatobá começa a colaborar no nº. 10, escrevendo basicamente crônicas, passando mais tarde a ter um espaço com o título de “Crônicas da vida operária”. Outro colaborador que conta com uma coluna, entre os números 17/23, é Cláudio Willer, responsável pela co-luna de poesia.

Quanto aos autores mais citados, Bertolt Brecht aparece em primeiro lugar. Brecht parece servir como o “ícone” que representa a proposta primordial do jornal: utilizar a arte como arma política. Temos ainda a presença de nomes latino-americanos, como García Márquez, Galeano — que além de colaborar, também é muito lembrado nos artigos do jornal —, Cortázar e Pablo Neruda. Outro autor que se destaca entre os mais citados é Chico Buarque, que, assim como Brecht, seria também uma espécie de ícone da proposta do jornal. Cabe destacar aqui ainda a presença de Sartre, ou de um “viés existencialista”, que podemos atribuir a Faerman, e também de Freud, demonstrando o interesse do jornal pela psicanálise, um tema com certa recorrência neste periódico. Oswald e Mário de Andrade, bem como Glauber Rocha, personalidades artística e intelectualmente destacadas, também estão presentes entre os mais citados. Evidentemente, isso tudo muda juntamente com a mudança no perfil do jornal: em vez de nomes significativos no campo da cultura, passam a ser citados principalmente presos políticos, líderes sindicais e exilados que retornavam ao país.

Quanto ao “tipo” de texto publicado pelo jornal, observamos que a reportagem é a maior detentora de espaço, o que demonstra que o jornal, “pensando” a América Latina, não expõe esse pensamento apenas através de ensaios: vai atrás de “fatos”, e surgem daí reportagens envia-das dos vários países do continente por seus colaboradores. Somem-se a essas, também, reporta-gens sobre países africanos. Outro destaque quanto ao tipo de texto apresentado são os depoimentos. Depoimentos de índios, negros, nordestinos, artistas, psicanalistas. Nesses depoimentos de nordestinos e índios — pessoas anônimas —, muitas vezes escritos pelos próprios, uma característica que marca o texto é o léxico utilizado: o jornal trata de não fazer uma correção para o “português padrão”, deixando mesmo no texto as marcas da fala dessas pessoas. As entrevistas também ocupam lugar privilegiado. Michel Foucault, Glauber Rocha, Paulo Freire, João Saldanha são alguns dos entrevistados, que, a partir dos últimos números indexados, a exemplo dos autores citados, passam a ser substituídos por políticos, líderes sindicais ou camponeses.

Destaca-se também a presença da literatura no jornal. Encontramos contos de Ignácio de Loyola Brandão, Brecht, Kafka, entre outros, esses últimos comentados por Modesto Carone. Na poesia uma característica que ressalta é a presença de grandes autores ao lado de autores pouco ou ainda não conhecidos. São publicados, por exemplo, lado a lado, um poema de Octávio Paz e de um soldado da Frente de Libertação de Moçambique. Houve ainda uma coluna de poesia com duas páginas, que

circulou do número 17 ao 23, assinada por Cláudio Willer, que comenta os poemas e apresenta seus autores.

Por último, cabe olharmos as palavras-chaves mais comuns. “Política” é a palavra-chave com o maior número de inserções no total, seguida de “ditadura” e “literatura”. Isso no conjunto dos vinte e cinco números indexados. Uma oposição entre “política x literatura”, no entanto, pó-de ser vista de duas maneiras. Levando em consideração o que afirmamos anteriormente sobre a mudança no perfil do jornal, que passa a ser mais político a partir das edições 14, 15, temos co-mo prova o fato de que até então (números 01 a 14) a palavra-chave mais comum é “literatura” (5,50% do total), logo seguida por “política”, (4,07% do total de palavras-chaves). A partir do número 15 (até o 24), a palavra-chave mais comum passa a ser “política” (13,20% do total), seguida por “democracia”, (7,58%). “Literatura” cai para o nono lugar (2,39%). Esses dados não deixam dúvida quanto ao fato de o jornal se tornar definitivamente mais político. Sem dúvida, “*Versus* mudou”, como afirmara Faerman no editorial do jornal n.º 18.

Esses são dados pontuais, brevemente comentados. O jornal fornece, no entanto, um varia-do leque de temas a serem analisados. O número especial de HQ, por exemplo, no qual se pode constatar a presença de quadrinhos “politicamente engajados”, foi um dos temas já trabalhados. A presença da poesia, mais especificamente seu lugar no jornal, a presença da literatura e de co-laboradores latino-americanos em suas páginas idem. Lembrando a abertura política, que se des-dobrou em movimentos “separados” da esquerda tradicional, outro trabalho realizado analisou a presença do movimento feminista, *gay* e negro no jornal, com especial destaque para esse último, que contava com o caderno “Afro-latino-américa”, espaço com cerca de quatro páginas escrito por ativistas e intelectuais negros, publicado a partir do número 12 e que seguiu até o número 34.

Como podemos observar, o jornal constitui uma grande fonte de dados para se pensar não só a literatura ou as artes dos anos 70, mas todo um processo político-cultural desse período. A continuação dessa pesquisa, com a indexação dos números 25 a 34, fornecerá uma visão sobre a totalidade das matérias publicadas pelo jornal. A pergunta que faço é: até que ponto e de que maneira a arte, uma das bases do jornal fundado por Marcos Faerman e progressivamente abandonada com o passar do tempo, continua sendo utilizada como arma pelo jornal? A resposta, nos próximos números do boletim.